

NOTÍCIAS DE UMA INVESTIGAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA O consumo de drogas como dilema moral

Rui Tinoco

Vamos dar conta dos momentos principais de uma investigação de cariz qualitativo. A autobiografia é, de facto, um método de recolha de dados bastante interessante e proveitoso. Esclareçamos um evidente paradoxo: a autobiografia, como instrumento de investigação, não é pura, não nasce de uma necessidade irreprimível dos indivíduos que pretendemos estudar. Pelo contrário: a história de vida é recolhida em entrevistas que, necessariamente, induzirão perspectivas e campos privilegiados de análise. Assim, poderemos falar numa espécie de autobiografia assistida.

Iremos, pois, definir os objectivos da investigação que conduzimos entre 2001 e 2004. Trataremos de explicitar os seus objectivos principais; de seguida faremos um enquadramento teórico, procurando demonstrar a relevância dos nossos instrumentos de investigação — as técnicas de neutralização de Sykes e Matza (1957). O nosso percurso mais teórico ficará terminado com a apresentação do dispositivo metodológico, nos seus mais diversos aspectos, passando pelo modo como a entrevista é utilizada, e questões de amostragem e critérios privilegiados nesta fase de investigação. De primordial importância, revelar-se-á o modo como a análise do material recolhido irá ser efectuada. Este é um passo de fulcral importância: de facto, existe uma necessidade de combinar um olhar mais longitudinal, que incide sobre as histórias do indivíduo, e um olhar transversal, que faz das técnicas de neutralização (TN) o seu instrumento de eleição. Finalmente, passaremos à apresentação dos resultados da investigação, sublinhando os aspectos que mais sobressaíram na análise qualitativa das histórias de vida recolhidas.

Todo o percurso que nos propomos realizar permitirá a articulação de um momento de síntese e reflexão. As TN são de facto importantes na compreensão da evolução da maioria das trajectórias desviantes que estudámos. Mas elas esgotam em si essa compreensão? O próprio Matza (1969, 1964) poderá ajudar-nos a completar as nossas reflexões. Por outro lado, o uso maciço de TN em certas etapas biográficas terá um papel específico na compreensão dos momentos de maior imersão nas actividades desviantes, estando ligados a momentos de extrema desorganização, próximos do conceito de deriva proposto por Matza (1964).

Consumo de drogas como dilema moral: justificação e teorias

A investigação pretende estudar as justificações de si em consumidores de heroína. Partimos de um pressuposto inicial: em alguma medida todos os indivíduos sabem que consumir drogas pode ser prejudicial, provocar dependência e descontrolo nas suas vidas, mas ainda assim o fazem. Estamos em crer que os consumidores de heroína (e em maior ou menor medida todos nós, ao realizarmos um comportamento

que sabemos ser, em alguma medida, incorrecto) se confrontam com situações de dilema moral.

Como explica um consumidor noviço de heroína, para si, o seu consumo de uma “droga dura”? As TN são racionalizações que permitem, ou facilitam, ainda que temporariamente, o corte ou suspensão das crenças normativas do indivíduo. Nem que seja “só aquela vez” o consumo acontece e é experimentado de uma forma que o desliga de possíveis consequências ou danos. A investigação centrar-se-á, fundamentalmente, na necessidade de compreendermos quais as racionalizações mais importantes em cada momento das histórias de vida dos indivíduos.

A proposta de neutralização foi feita inicialmente para o estudo da criminalidade juvenil. Tratava-se de compreender o modo como certos jovens se adaptavam a condutas transgressivas e, depois de certo período das suas vidas, retomavam um percurso normativo. Ogien (2000) chama atenção para que Sykes e Matza, a desviância se submete às mesmas exigências racionais que qualquer outro comportamento social. Tal visão aproxima estes autores de Sutherland: “não se nasce delinquente, aprende-se a sê-lo” (*op. cit.*, p. 19). A neutralização da moral dominante é uma dimensão importante dessa aprendizagem.

Aliás, é o seu carácter antecedente à transgressão que permite a emergência do acto desviante. O facto de Matza e Sykes defenderem a prioridade da neutralização em relação ao comportamento transgressivo, decorre do facto de as populações estudadas estarem também a par dos valores normativos. Só através da suspensão destes, os actos criminais seriam observáveis. Passamos agora à apresentação sucinta das TN propostas por Sykes e Matza (1957).

- a) *Negação de responsabilidade*: implica uma espécie de *locus* de controle externo. O indivíduo crê estarem fora de si as causas e os motivos do seu comportamento. Não sente culpa, uma vez que esta racionalização o demite de qualquer responsabilidade dos comportamentos por ele realizados.
- b) *Negação da ofensa*: qualquer racionalização que vise minorar ou desvalorizar o acto desviante engloba-se nesta categoria. Pedir um carro emprestado ou achar que não é importante o que se rouba, são algumas alternativas para minorar a culpa resultante da infracção.
- c) *Negação da vítima*: nesta racionalização, o delinvente pode defender que a vítima devia ser roubada porque o merecia, ou porque não lhe fazia falta o produto roubado, ou ainda porque merecia ser castigado de alguma forma.
- d) *Condenação dos condenadores*: os indivíduos ou instituições ligadas aos sistemas de controle social ou de aplicação da lei podem ser denegridos a vários níveis. Os polícias podem ser vistos como pessoas corruptas e, por isso, sem legitimidade moral para falarem de normas de conduta ou fazerem detenções de qualquer tipo.
- e) *Apelar a lealdades mais fortes*: em certos momentos, a lealdade para com grupos desviantes ou a ideologia desviante pode tornar-se mais imperiosa que as obrigações morais convencionais. O indivíduo pode ver-se a fazer determinada infracção, até contra vontade, porque foi obrigado por um sistema de valores ou por obrigações de honra para com o grupo de pares.

Desde 1957 diversos autores usaram as TN como um instrumento central dos seus trabalhos. Podíamos referir o estudo de Priest e McGrath (1970) com consumidores de marijuana; ou a investigação de Forsyth e Evans (1998) sobre o mundo dos criadores de cães de combate. Minor (1980) e Costello (2000), este usando questionários, põem em causa a posição, defendida por Sykes e Matza, de que as TN precedem o acto desviante e o tornam possível. Para Minor, as TN são técnicas que fornecem justificações retrospectivas dos actos.

Porém, em vez de nos centrarmos em discussões teóricas, vamos ao invés passar em revista outras neutralizações, propostas por outros autores, que serão utilizadas neste projecto. Assim, Coleman (1985), a propósito do estudo da delinquência de colarinho branco, propõe uma série de novas neutralizações. Utilizámos no nosso estudo a ideia de *defesa da necessidade*. Esta racionalização defende que o acto desviante pode ser condenável, mas que aconteceu como sendo decorrente de um imperativo intransponível e inadiável.

Eliason e Dodder (2000), por sua vez, estudaram as formas de neutralização entre caçadores furtivos de renas. Propuseram uma nova racionalização, a *metáfora da compensação*. Muitos caçadores reconheciam o erro nos seus actos, mas esse erro ou essa falta pessoal era diluída por um comportamento exemplar fora desse contexto (estávamos perante racionalizações do género: “o meu comportamento fora das caçadas compensa a minha eventual falha”).

Propomos, também nós, uma nova neutralização. Denominámo-la *valorização selectiva de dimensões existenciais*, e nasceu de uma necessidade classificativa do material com que nos confrontámos. A valorização pressupõe uma conceptualização extremamente deturpada de um comportamento desviante. Por exemplo: um indivíduo acha que o importante, ao injectar a substância, é não fazer tiragens;¹ um outro entrevistado defende que o facto moralmente condenável no roubo é fazer fisicamente mal a alguém (“eu roubo mas nunca bati em ninguém”).

Agrupámos as neutralizações em dois grandes grupos. O primeiro reúne TN com um aspecto em comum: nele, o indivíduo não reconhece a intencionalidade do comportamento desviante. Reúne a negação da responsabilidade, negação da ofensa, negação da vítima e apelar a lealdades mais fortes. Em todas estas TN, o indivíduo parece usar as racionalizações para não se envolver deliberadamente com o acto transgressivo. O segundo grupo, por sua vez, implica um reconhecimento do acto como desviante. Engloba neutralizações como a defesa da necessidade, a metáfora da compensação, a valorização selectiva de dimensões existenciais e a condenação dos condenadores. Estas TN têm em comum o reconhecimento do acto como desviante, que é cometido por contingências várias: por fatalismo, porque é compensado por outros comportamentos, porque não é tão desviante como outras possibilidades, porque os agentes do controle social ainda são mais corruptos.

O eixo da não intencionalidade e intencionalidade dos comportamentos desviantes constitui, assim, um segundo nível de análise das TN. Ele pressupõe um

1 A expressão refere-se ao acto de fazer sair sangue para a seringa e voltar a injectá-lo nas veias. Muitos consumidores fazem isso na esperança de potenciar o efeito das substâncias consumidas.

maior ou menor envolvimento com os actos transgressivos e poder-nos-á revelar o grau de imersão nas actividades desviantes de muitos dos nossos entrevistados.

Questões metodológicas

Utilizámos aqui o método das histórias de vida cruzadas ou emparelhadas. Fez-se, por isso, uma acumulação de autobiografias que depois constituiu o corpo de análise do estudo. As autobiografias não foram exaustivas mas sim temáticas: centraram-se nos comportamentos de consumo e outros comportamentos desviantes dos nossos participantes.

A entrevista foi semidirectiva, uma vez que era estruturada por uma *check list*. Esta foi sendo enriquecida à medida que novas questões iam sendo levantadas pelas entrevistas realizadas. A interactividade entre o dispositivo de recolha dos dados e o material recolhido é uma herança dos métodos indutivos e enriquece um projecto desta natureza.

Realizámos trinta entrevistas gravadas a heroinómanos em atendimento num centro de tratamento. A escolha dos entrevistados foi aleatória. Apesar da gravação, em todas as entrevistas assegurámos o anonimato, não pronunciando nomes durante a sessão ou mesmo explicitando a possibilidade de interrupção da recolha a qualquer momento.

O critério de amostragem utilizado foi o da saturação das categorias (Glaser e Strauss, 1967). A partir de certo momento da recolha das entrevistas as respostas começaram a repetir-se, não havia novidade nas inquirições que fizemos. As alternativas de resposta parecem estar esgotadas para grande parte dos assuntos que desejamos conhecer. Podemos, então, interromper a fase de recolha de dados. Todas as entrevistas vão depois ser transcritas, ou seja, vão ser passadas para suporte escrito. Um grande texto constituído por todas as entrevistas será o corpo de análise. Sobre esse texto incidirá a análise de conteúdo.

Interessa-nos conjugar, nessa análise, dois eixos importantes: a perspectiva longitudinal inerente a toda a abordagem que se reclame das histórias de vida; e uma perspectiva mais transversal que dê conta das racionalizações empregues pelos nossos entrevistados. Os objectivos terão, pois, de ser operacionalizados no momento em que pretendemos detalhar os resultados. A dificuldade foi ultrapassada através da opção por duas análises de conteúdo paralelas.

O eixo longitudinal foi constituído por três momentos, a saber: o início dos consumos; a gestão da carreira de consumidor de heroína; e os pontos de inflexão. O eixo transversal deu conta das oito TN apresentadas anteriormente e agrupadas no grupo da intencionalidade / não intencionalidade do acto desviante. O eixo longitudinal necessitou de uma análise de conteúdo pouco discriminativa, cujo principal objectivo se limitou à organização temporal das TN.

O eixo transversal só era aplicado em situações em que se estivesse de facto perante uma racionalização desviante. No entanto, uma parte significativa dos dados coube nas TN. A análise de conteúdo foi precedida da construção e afinação das duas tabelas de análise. Procedeu-se também à construção de indicadores

fiáveis das categorias. A classificação do material implicou momentos de interanálise com colegas que estavam a par do nosso projecto. Socorremo-nos também da metodologia dos juízes independentes.

O eixo longitudinal ajudar-nos-á a organizar temporalmente o uso das racionalizações, não perdemos assim a dimensão biográfica do estudo. Eis as categorias utilizadas nesta dimensão:

- o *início dos consumos*. Este campo compreende os primeiros efeitos de cada substância (excepto a cocaína, que usualmente aparece após a aquisição de uma identidade de toxicodependente, ou qualquer outra substância consumida após a eleição de uma droga de preferência). Englobam-se aqui os contextos informais, familiares ou outros que enquadraram as primeiras etapas de consumo. Assim como os contextos de consumo, descrição e vivências dos efeitos, reflexões sobre os primeiros consumos;
- a *gestão da carreira*. Este campo engloba as decisões justificações e percepções acerca da vivência quotidiana do toxicodependente. Enquadra-se aqui todo o material em que seja evidente ou subentendido um grau de dependência de determinada substância (normalmente a heroína). Classificámos aqui, da mesma forma, os estratagemas diários que cada indivíduo engendra para obter o produto, o modo como encara a privação, e ainda os contextos de consumo da heroína (quando é a droga principal). A questão da agulha, se é evitada esta forma de consumo ou não, a maneira como ela é percebida;
- finalmente, nos *pontos de inflexão*, englobámos qualquer diminuição dos consumos ou actividades desviantes, quer essa diminuição seja mesmo real ou apenas corresponda a uma sensação subjectiva do entrevistado. Classificámos aqui períodos de abstinência, reflexões eventuais sobre esses períodos, sobre as formas como podem acontecer recaídas. Classificámos ainda o material referente a considerações sobre tratamentos, fenómeno das drogas ou contactos com dispositivos jurídico-policiais.

Racionalizações ao longo da história de vida

O material classificado foi depois dividido numa série de pequenos textos. Cada um desses textos agrupava os segmentos das entrevistas que tinham a mesma classificação nos dois eixos de análise. Por exemplo: texto da negação da responsabilidade e início dos consumos; texto de apelar a lealdades mais fortes e gestão da carreira. Os textos nasciam da intersecção de cada uma das categorias dos eixos de análise. Uma vez que considerámos teoricamente quais as racionalizações onde se assume a intencionalidade do acto e quais as racionalizações em que essa intencionalidade está mais mascarada, este será mais um nível de análise a ter em conta no eixo transversal. Vamos, pois, proceder à apresentação dos resultados. Optámos por explicitar, para cada etapa biográfica, quais as neutralizações mais comuns. Ilustrámos com segmentos das entrevistas, sempre que nos pareceu pertinente detalharmos com mais cuidado a natureza das racionalizações a que nos referimos.

Início dos consumos

Na negação da responsabilidade existe a ideia de que a primeira experiência, especialmente com a heroína, é uma situação quase sem retorno — como se o contacto com a substância desse origem a um fatalismo irremediável. Se a pessoa experimeta e gosta pode, praticamente de forma automática, começar uma vida de consumidor dificilmente controlável. Como nos diz um dos participantes do estudo:

Se não provasse a primeira vez, era capaz de não ter sido toxicodpendente. E como provei não esqueci, ainda não tinha esquecido os efeitos que aquilo dava, certo dia qualquer tornei a experimentar, mas talvez começasse a fumar diariamente, ou porque tinha mais posses, ou porque tinha maior oportunidade de ter a droga, foi uma das coisas que me levou a fumar todos os dias.

A incerteza deste excerto é bem ilustrativa de uma ambivalência em relação ao momento de início dos consumos. A dificuldade em explicar esse início soma-se a um certo fatalismo (neste caso implícito) subjacente à primeira experiência de ingestão de substâncias — particularmente no que à heroína diz respeito. A curiosidade, frequentemente vivida como algo que não pertence a dimensões controláveis do indivíduo, mas sim como qualquer coisa que acontece, é outra das dimensões que esta racionalização apresenta no momento de início dos consumos.

A racionalização da negação da ofensa é também bastante utilizada na etapa biográfica do início dos consumos. Serve fins bastante específicos: permite a continuação do envolvimento com um estilo de vida estruturado em torno do consumo das substâncias. O haxixe, normalmente, é a primeira droga ilegal a ser utilizada com regularidade — as racionalizações de negação da ofensa ou das consequências do acto de consumir somam-se imediatamente: “o haxixe não dá dependência”; “não prejudica em nada” (mas mais à frente na entrevista até se vem a saber que prejudica); “consigo parar a ganza quando quiser”.

A transição entre o período de haxixe e o da heroína pode ser, frequentemente, acompanhada de um sentimento de valorização. Os ganhos iniciais da mudança, em termos de valorização dos efeitos, são uma das justificações usadas. Assim, o consumo de heroína entra nas rotinas e nos hábitos que se tinham tecido a propósito da ganza.

Acho que a heroína mete assim um indivíduo mais calmo, mais pacífico, anda-se de uma maneira totalmente diferente. O haxixe, dá para a gente estar sempre com bastante sede, para a gente estar sempre a beber, sempre a gritar com alguém, no haxixe, eu sentia-me mais nervoso do que na heroína. Primeiro ficava de outra maneira, explicando bem, muito modificado; no haxixe, custava-me andar e tudo, sentia-me mais cansado e tudo, enquanto na heroína não, sentia-me com mais força, com outra maneira de viver. No haxixe ficava mais mole...

Quanto ao apelar a lealdades mais fortes, a racionalização foi muito utilizada nesta etapa biográfica. Os amigos, ou as redes de suporte parecem desempenhar aqui um

papel importante. As primeiras substâncias e as primeiras experiências de consumo acontecem em contextos informais em que a pessoa de confiança — ou um grupo próximo — parece desempenhar um papel securizante.

As aprendizagens indispensáveis ao início dos consumos — saber comprar, saber consumir e até saber relacionar-se com os efeitos — desenrolam-se em contextos em que a rede de suporte social desempenha um papel determinante. Raríssimos são os casos em que o consumo inicial do haxixe ou da heroína não sucede em contexto de amizade:

cerca de dez anos mais ou menos até aos vinte e quatro, se calhar não foi tanto oito, nove anos até 1984 foi sempre haxixe, até que acabaram com o haxixe umas apanhadas e tal e aquela malta toda com quem eu me reunia toda a gente fumava haxixe virámos todos para a heroína.

O início do envolvimento com drogas mais duras e consumos mais duros acontece, geralmente, em grupo. Tal facto pode acabar por desresponsabilizar o indivíduo dos seus actos e das suas decisões. Nesta etapa biográfica, as outras formas de neutralização encontram pouca expressividade — pelo que não nos vamos deter sobre elas.

Podemos, por conseguinte, dizer que as TN de negação da responsabilidade, negação da ofensa e apelar a lealdades mais fortes dominam este momento biográfico. As três neutralizações têm comum o facto de conceptualizarem o acto desviante como não intencional. O sujeito encara a sua aproximação às substâncias como dependendo de factores exteriores a si. Listemos alguns exemplos: “não havia informação”; “não sabia o que era, pensava que a heroína fumada não dava dependência”; “eu não queria mas estava sempre a aparecer nos amigos e eu meti-me, nem sei como aconteceu”. Curiosamente, e corroborando os dados de Priest e McGrath (1970), se interrogados directamente sobre a causa de entrada nas drogas, deparamo-nos com posição oposta: a maior parte dos entrevistados nega existir qualquer influência sobre a sua trajectória, é comum a ideia: “eu meti-me porque quis, ninguém me influenciou”.

Gestão da carreira

Esta categoria biográfica compreende o período em que os indivíduos estão embebidos nas actividades de consumo de drogas e outras actividades que, de algum modo, se relacionam com elas. Nesta etapa, os entrevistados exploram as diversas hipóteses que estão disponíveis para prosseguir os consumos: deparamo-nos, pois, com a questão da agulha, do roubo, do tráfico e de outros esquemas que possam facilitar a compra das substâncias. Não se trata só de actividades, de facto, detectámos atitudes, emoções e ainda conceptualizações sobre o modo como certos actos são cometidos.

A negação da responsabilidade foi dividida aqui na conceptualização de si e em movimentos de exteriorização. A conceptualização de si implica uma auto-imagem que não é forte ou, pelo menos, é deficitária em relação a uma

suposta normalidade. A ideia é recorrente nas diversas entrevistas. Um participante defende, por exemplo, que sempre foi totalmente irresponsável; um outro afirma que fica “agarrado de uma maneira que não há explicação”. Os exemplos sucedem-se, sob várias formas: “fui-me deixando levar”; “fui aumentando os consumos” (mesmo depois da consciência da privação). Posições de demissão de si mesmo também são detectadas: um dos participantes dizia que estava à espera que lhe aparecesse o juízo (continuando as suas actividades desviantes, aguardando essa inesperada iluminação).

Por outro lado, a exteriorização permite listar uma série de opiniões que seguem todas a mesma direcção. Detectámos situações em que a culpa do aumento dos consumos foi atirada para a progressiva adulteração do produto, para o destino (“a vida comandou” ou “já estava marcado — a utilizar a agulha — era uma questão de mais cedo ou mais tarde”), para a questão do dinheiro (se havia, isso implicava um maior consumo), entre outras. Na seguinte passagem, podemos ver como a questão do dinheiro revela um indivíduo incapaz de se autocontrolar e que se imagina com uma diminuta capacidade de escolha:

não consigo guardar dinheiro, se eu guardar compro dois contos, três e depois sou capaz de vir outra vez; assim não, assim se eu tiver amanhã só um, compro só um e de noite já passo mal a noite já a coisa é um bocado difícil.

A negação da ofensa engloba desculpabilizações e relativizações de actos desviantes. Temos diversos testemunhos que definem a heroína como uma substância boa, que teve um papel positivo e “equilibrador” na vida dos entrevistados (um deles referiu-se aos opiáceos como sendo algo que lhe fazia sentir amor). A questão do consumo fumado da substância pode ser, da mesma forma, relativizada: ao fumar-se não se tem *overdose* e “estar ali na prata, o pessoal sempre se vai entretenendo”. Da mesma forma, a questão da agulha pode ser inicialmente encarada como uma acção positiva que, no entanto, promove o envolvimento com a substância e facilita a dependência.

Dando o pico durava-me mais do que o fumar. Quando fumava tinha de estar a fumar de duas em duas horas, e com o pico, andava quase as cinco horas e não gastava tanto.

O envolvimento com a heroína pode chegar a um momento em que a substância passa a estar à frente de tudo: “a partir de determinado momento aquilo é sempre a andar”. De facto, quando muitos dos entrevistados se sentiram realmente envolvidos com a substância, deixaram de se preocupar com muitas coisas importantes: “quando já estava no enterranço, não queria saber se a seringa era nova”.

A negação da vítima é uma racionalização que dá conta dos contactos que os entrevistados tiveram com possíveis lesados das suas actividades desviantes. Normalmente, estamos a falar de familiares próximos que, de algum modo, são testemunhas, frequentemente de vários anos, dos ciclos do compra-chuta-adquire dinheiro a que se resume grande parte da actividade diária de muitos dos nossos entrevistados. Esses familiares são muito pressionados para fornecer dinheiro para

a compra ou são, indirectamente, vitimados através de bens roubados das suas casas ou burlas de outro género. Testemunham por vezes o consumo, quando ele ocorre nos seus domicílios e, mais raramente, vão também levar familiares aos locais de compra, depois de uma infundável pressão.

Em relação a outras vítimas, a situação não é tão comum. Poucos dos nossos entrevistados admitiram assaltos à mão armada ou por esticção — em que o contacto com a vítima seria mais directo. Em contrapartida, o assalto a residências ou o fazer parcómetros foi mais referenciado — nestes casos, a vítima estava ausente, não havendo, por isso, lugar a sentimentos de culpa. De qualquer modo, detectámos um indivíduo que se vangloriava de não gostar de roubar “otários”. Os “otários” são os consumidores que compram em bairros que não conhecem bem e que acabam por se “deixar roubar”. A expressão, por si só, faz antever uma situação de negação da vítima — pois quase permite o assalto a indivíduos que não conseguem ou não sabem defender-se.

O sistema de lealdades das subculturas ligadas ao mundo das drogas ilegais ou, pelo menos, uma certa intersubjectividade partilhada pela maioria dos nossos entrevistados, aponta no sentido de uma progressiva perda de solidariedade. De facto, os consumidores mais velhos relatam uma quebra dos laços que uniam outrora muitos dos consumidores de heroína: “agora ninguém dá nada a ninguém”.

Às vezes a gente juntava-se, era o princípio, não faltava dinheiro, não faltava nada, a gente juntava e dava para todos. Depois quando a gente começou a ressacar, foi cada um para o seu canto, cada um que se safasse. Era mesmo assim.

A solidariedade actual resume-se a dimensões instrumentais da vida das drogas: partilha de informação sobre os locais em que a droga está a ser vendida em melhores condições; informação sobre os efeitos e modos de consumo da cocaína; informações sobre a ressaca aos consumidores novíços; informações sobre modos de consumo da heroína, entre outras. Essa solidariedade instrumental não impossibilita, contudo, a existência de entreajuda mais prolongada no tempo. Alguns dos nossos entrevistados relatam períodos das suas trajectórias de consumo em que o quotidiano era feito a dois. A dificuldade dessa união nasce da imprevisibilidade do mercado de venda e da dificuldade que por vezes acontece quando se compra em conjunto (alguém não tem dinheiro, não pode ir naquele momento, etc...).

Na defesa da necessidade o comportamento desviante é justificado porque não há outra alternativa ou porque o indivíduo é impelido a isso por alguma força exterior. A força que compele os sujeitos a praticarem este acto ou aquele é precisamente o efeito da substância ou a falta dele. Isto aplica-se tanto à heroína como à cocaína ou aos comprimidos. É este, portanto, o principal núcleo da neutralização de defesa da necessidade, no que à etapa biográfica da gestão da carreira de consumos diz respeito. No entanto, a racionalização não se esgota no determinismo proveniente das substâncias:

na altura, não é, depois eu também fui criado na rua, não é, uma pessoa aprende sempre nada que seja legal, mas uma pessoa tem que se desenrascar, não é, e pronto não

era só com o meu trabalho que eu sustentava o consumo, é lógico, tinha fazer outras coisas.

Na passagem acima transcrita a justificação dos comportamentos desviantes (subentendido aqui como roubar, fazer parcómetros, entre outros) provém de uma necessidade de sobrevivência, quase física, de quem viveu quase todos os anos da sua existência na rua. O verbo *ter*, ter de fazer alguma coisa, marca o fatalismo nuclear neste tipo de neutralização.²

A valorização selectiva de dimensões existenciais procede através da deturpação da ordem de importância das diversas dimensões das actividades desviantes. Assim, é recorrente a ideia de o envolvimento com o tráfico não ter sido realmente profundo. Outro entrevistado refere que começou a pensar no que estava a fazer quando vendia substâncias ilícitas e que acabou por começar a reduzir a sua actividade. A negação de estar envolvido no tráfico pode justificar-se por o indivíduo não vender em certos contextos ou a toda a gente. Num dos casos, que admite uma série de actividades ilegais que vão desde as cobranças difíceis ao proxenetismo, as actividades desviantes são totalmente reconceptualizadas: desde as cobranças difíceis que são efectuadas com mais coração e mais comedimento do que os outros, à actividade de proxenetismo que era encarada de um modo mais humano e respeitoso do que os outros colegas de profissão (que o chegavam até a criticar).

No que diz respeito às actividades ligadas ao consumo propriamente dito, temos a valorização da reutilização reduzida de seringas (que em princípio deveriam servir para um só chuto); a valorização de só consumir à noite ou de só picar para consumir sem fazer tiragens nenhuma; a valorização de ainda se aquecer porque é preferível ferver o material. Por outro lado, um dos entrevistados valorizava o facto de nunca ter chegado a consumir meio grama de uma vez. Podemos dizer que existe, em todas estas argumentações, uma valorização de um aspecto parcelar dos consumos:

tinha aquela preocupação de nunca consumir à frente de ninguém, tinha o respeito sempre por crianças ou qualquer coisa, nunca consumir nunca ir esturbar pessoas que não tinham nada a ver, mas eu se pudesse ir a S. Tomé comprar um pacote e estivesse lá alguém queria lá saber que eles estivessem lá, eu ia comprar eles não têm nada a ver com a minha vida prontos...

Essa valorização parcelar permite depois uma prossecução da ingestão dos produtos sem que se despoletem grandes sentimentos de culpa. Podemos listar mais algumas situações do género, como por exemplo: valorizar o facto de só se comprar uma base de cocaína de cada vez; de se fumar na prata porque dura mais tempo; de o objectivo das drogas ser andar bem e não mais a procura da “moca”. Os indivíduos podem achar ainda que não põem a droga à frente de tudo ou que não são tão “atravessados” como outras pessoas.

2 Deixamos o caso da metáfora da compensação para os comentários finais.

Na condenação dos condenadores, a ideia de que um grupo de consumidores é criticado por instâncias pertencentes à normatividade é bastante comum em sujeitos que iniciaram a sua trajectória de consumidores nos finais dos anos 70. Uma cultura de oposição foi rapidamente referenciada: “quanto mais criticados éramos, pior fazíamos”. O sentimento de injustiça e de perseguição, ou pelo menos de incompreensão, face às pessoas pertencentes à normatividade é uma invariante expressa por muitos dos nossos entrevistados:

Acho que uma pessoa é um bocado desprezada, toda a gente sabe que é assim. Há pessoas que pensam que não deixámos isto porque não queremos. Eu também acredito que não se deixa isto porque não se quer, mas está mesmo nas pessoas. Há pessoas que têm mais força de vontade, ou têm outra mentalidade, há outras que não, depende das pessoas.

A expressão dessa perseguição não se confina à ideia abstracta dos “outros”, de facto o contacto com as forças policiais pertence à ordem dos acontecimentos diários em relação a muitos dos sujeitos com quem tivemos oportunidade de conversar. A polícia pode interferir com os locais de compra e assim dificultar a aquisição do produto: “quando há polícia no bairro já sei que não há droga e a que houver é rafada”.

A conflitualidade estende-se aos próprios traficantes (principalmente aqueles que não consomem e estão ávidos de ganhar dinheiro), tribunais e até estabelecimentos prisionais, entre outros. O sentimento político, por seu lado, parece ausente em todos os casos que contactámos.

Pontos de inflexão

Os pontos de inflexão englobam, como vimos anteriormente, todos os movimentos de afastamento, mesmo que parcelar, das diversas actividades desviantes. Não falamos apenas dos períodos de abstinência total, mas de paragens de actividades desviantes com prossecução de consumos, diminuição dos consumos, abandono do uso da seringá, apesar da heroína continuar a ser consumida fumada.

A negação da responsabilidade é muito empregue em três momentos biográficos específicos aqui classificados: a tomada de decisão, o processo de recaída e mesmo algumas dimensões ligadas ao período de abstinência. Por vezes, mesmo na abstinência, as neutralizações não são completamente abandonadas e surgem ainda. É especialmente verdade o que se acabou de dizer no que diz respeito às recaídas e às consequências que elas podem ter no modo de pensar dos nossos sujeitos.

As decisões que podem garantir um afastamento em relação ao mundo das drogas, frequentemente não são vividas como tal. Alguns dos nossos entrevistados relatam esse afastamento como um acontecimento que sucedeu, como podia ter sucedido outro bem diverso. Esta deriva foi lapidariamente sintetizada: “estava à espera do dia para me decidir”. Outras situações configuram pressões de pessoas próximas, sendo que os entrevistados encetam períodos de afastamento, ou mesmo de abstinência, sem que realmente se envolvam neles.

...acho que a iniciativa nunca era minha, por vezes até era, só que perdia a vontade facilmente. Não gostava mesmo daquilo, não tinha nada que me preocupasse, nunca tinha apanhado doenças, sabia que aquilo me fazia mal e que me prejudicava.

Noutros casos, normalmente em situações em que os participantes têm uma actividade profissional ligada à construção civil, uma inopinada oportunidade de fazer um trabalho no estrangeiro pode oferecer o ensejo de afastamento dos meios ligados ao consumo e à abstinência (nem que seja apenas relativa).

O afastamento do mundo das drogas também pode ser gerido de uma forma em que a negação da responsabilidade está bem presente: um dos nossos entrevistados dizia que, quando quis reduzir o seu padrão de consumos, “só ia à rua comprar, mas não ficava lá”. Ou seja, o indivíduo decidiu evitar um meio ligado ao mundo das drogas, aceitando que, se ficasse, não se conseguiria controlar e iria novamente aumentar a ingestão dos produtos. Os motivos exteriores que motivam um afastamento do estilo de vida ligado à toxicod dependência podem continuar a listar-se: medo de doenças, contacto com hospitais, etc... A própria preferência por uma forma de tratamento em vez de outra, pode reflectir essa falha de controle sobre os seus actos: “gosto mais do internamento, estou mais preso”.

A negação da ofensa é uma racionalização que engloba todas as formas possíveis de desculpabilização da gravidade ou das consequências de um comportamento desviante. Nesta etapa biográfica, confrontamo-nos com material que desvaloriza a importância de estar abstinente e, por isso, favorece a regresso aos consumos ou a outra actividade desviante (tráfico, injeção, etc...); por outro lado, deparamo-nos com desvalorizações da importância dos tratamentos e sentimentos de deixar de se importar com as consequências dos actos — semelhantes aos que ocorriam noutros momentos biográficos.

Em relação à decisão de iniciar tratamento, ela é muitas vezes desvalorizada. Diversos testemunhos apontam no sentido de se fazer uma desintoxicação de forma a reduzir a síndrome de privação e regressar aos consumos em condições mais favoráveis. A abstinência também foi, em diversos casos, interrompida por consumos esporádicos aos quais foi retirado qualquer género de consequências. Estamos perante uma situação em tudo análoga à vivência do início da carreira toxicod dependente: “uma vez não faz mal”; “desta vez não me vou viciar”. Os indivíduos negam as consequências do regresso ao consumo de forma a continuarem as suas trajectórias de consumo sem experimentarem grandes sentimentos de culpa. Outros exemplos foram detectados: “não me apercebia da gravidade das coisas” (durante a recaída); ou mesmo uma cegueira face ao processo de regresso aos consumos: “já me estava a agarrar e não via”.

Uma outra situação, representativa deste tipo de racionalização, surge nas verbalizações que indicam um certo afastamento em relação às diversas obrigações sociais dos nossos entrevistados. A ideia que, a partir de certo momento da recaída, se deixou de pensar nos problemas foi detectada com alguma frequência:

E eu comecei a pedir dinheiro ao patrão outra vez, a fazer todos os dias, e aí já me controlava, já tinha guardado o dinheiro para de manhã, tinha a responsabilidade, aos princípios pensava nas responsabilidades, mas depois mais tarde deixei de pensar nisso, porque aquilo é mesmo poderoso e a gente não conhece ninguém, não via

ninguém, só via aquilo. E uma vez deu-me na cabeça para ir para a Remar³ e deixei o emprego. Chateei-me com ela e fui para a Remar. Fui para a Remar mas não consegui estar lá um dia, não conseguia estar lá, era a frio.

A mesma racionalização, mas ainda mais vincada, surge na ideia expressa por um entrevistado: “sempre que consumia heroína todos os problemas que tinha desapareciam”. A própria vivência dos efeitos da substância potencia esse esquecimento das obrigações face aos outros e às diversas obrigações sociais.

A recaída pode ser também uma situação desejada com maior ou menor ambivalência. Alguns testemunhos apontam precisamente nesse sentido, uma vez que o regresso ao consumo era descrito como um retrocesso, mas um retrocesso que era também, pelo menos em parte, desejado.

Na negação da vítima, a maior parte do material recolhido diz respeito às relações familiares e às tensões que ocorrem nos processos de tratamento, recaída ou distanciamento parcial das actividades ligadas ao mundo das drogas. No que concerne aos tratamentos, temos situações de certa ambivalência face às pressões familiares (tratar-se por causa da pressão da mulher; ou pela pressão exercida pelos pais; ou ainda tratar-se como uma forma de demonstração que o problema de dependência não era muito grave). Existe, por vezes, um certo egocentrismo que impossibilita a compreensão da situação do familiar. Particularmente ilustrativo, e até violentamente ilustrativo, foi o caso de um entrevistado que não aceitou o afastamento da sua esposa, quando esta tomou conhecimento que tinha sido infectada por ele com o vírus da SIDA.

No que diz respeito às recaídas, elas podem despoletar mais tratamentos, em condições de ambiguidade motivacional, como as acabadas de descrever. O regresso aos consumos acontece, frequentemente, sem o conhecimento da família, que demora um certo tempo a aperceber-se da situação (tempo que tem tendência a diminuir à medida que as recaídas se sucedem). A situação de ocultação de consumos pode assumir diversas formas e reflecte-se inclusive na mimetização de tratamentos: “não tomava o medicamento, punha dentro Coca-Cola”.

O sistema de relações informais desempenha um papel importante nesta etapa biográfica, como aliás aconteceu nas anteriores. A rede informal de amigos desempenha diversas funções, quer no sentido de uma maior contenção dos consumos, quer alimentando situações de descrença em si mesmo e de recaídas.

A decisão de iniciar um tratamento, tantas vezes pensado e adiado pode, num contacto ocasional, tornar-se realidade de uma forma quase não pensada. O sucessivo adiamento da tentativa de paragem encontrará numa situação fortuita o ensejo de se tornar realidade, como podemos constatar na seguinte passagem:

Uma altura encontrei um colega meu, o Afonso,⁴ já tem para aí quarenta e tais anos, e eu vinha com ele e vínhamos com uma ganza, e ele vinha saber quando era para ser

3 Remar: Reinserção de Marginais.

4 Como é evidente os nomes próprios são fictícios, visando assegurar o anonimato dos voluntários deste estudo.

internado, e pegou e virou-se para mim e disse-me assim: “Ó Luís, tu podias-te inscrever pá!”, e eu peguei e não tive mais nada, e disse: “Não é tarde nem é cedo”, e foi quando me inscrevi lá em baixo.

A rede de amigos passa informações sobre tratamentos, medicamentos úteis para minorar os efeitos da privação, entre outras. Aliás, a subcultura das drogas fornece uma representação sobre quais as melhores e piores formas de tratamento. Por outro lado, as tentativas de paragem podem também acontecer em conjunto com alguns resultados positivos. A decisão de paragem dos consumos pode também ser tomada pela negativa: diversos indivíduos expressaram a sua saturação em relação às amizades da droga e à falta de solidariedade que se regista nesses meios.

Em relação às recaídas, elas podem ser vividas como produto de influências negativas de certas amizades. Mesmo após um longo período de abstinência, uma eventual aproximação a um consumidor pode ter consequências nefastas, até para a própria identidade pessoal: “afinal, uma pessoa é sempre drogado”. O sucesso de um tratamento pode ser desencorajado pelos pares: “afinal para que te queres tratar? Vens sempre cair aqui...”. Muitas recaídas acontecem através da aproximação a certos meios, sem que uma decisão precisa seja tomada.

A defesa da necessidade é bastante empregue para justificar recaídas, insucesso de tratamentos. Também a encontramos no início da abstinência: frequentemente as desintoxicações ou o afastamento de certas actividades desviantes são expressas em termos de fatalismo. De facto, as decisões de paragem, sucessivamente proteladas, impõem-se por si próprias: já não existe outra escolha plausível.

Em relação ao início dos tratamentos, deparamo-nos então com a premência de uma escolha que já não tem alternativas. Diversos participantes no estudo referem que, a partir de certo momento, sentiram que tinham mesmo de modificar a sua vida, fazer uma desintoxicação. Por outro lado, constata-se frequentemente uma impotência: “a força de vontade só não chega, é preciso mais alguma coisa”. Os tratamentos são encarados como esse auxílio exterior que é bem-vindo, mas que por vezes também pode ser sentido de forma ambivalente. Uma eventual detenção, ou mesmo o cumprimento de uma pena, proporciona, em certos casos, uma redução dos consumos compulsiva que pode ter também alguns efeitos positivos (se bem que apenas admitidos *a posteriori* e nem por todos os entrevistados que foram detidos).

O conhecimento de certos estados clínicos, como o diagnóstico de uma hepatite C ou B, pode ser vivido como uma compulsão ao afastamento em relação a determinados meios e à própria redução dos consumos. Um médico, conhecido pessoal de um dos entrevistados, chamou a atenção para o problema de saúde que fazer tiragens representa: tal informação foi sentida de modo fatalista pelo interessado, que reduziu as tiragens que fazia (...mas no fim de contas continua a fazer).

Por último, temos que a abstinência pode acontecer sem que se tenha efectuado uma mudança real no sentir do sujeito: uma testemunha assevera que se pode estar limpo fisicamente, sem o estar psicologicamente. Ou seja: a compulsão à paragem pode, apesar de tudo, não trazer grandes mudanças aos indivíduos que as fazem e que, por vezes, nem sequer estão muito envolvidos com elas.

A racionalização de valorização de dimensões existenciais é empregue normalmente em situações em que existe de facto um comportamento desviante, mas que é suavizado por uma valoração fragmentária e tendenciosa da realidade. Por outras palavras: os indivíduos tendem a sobrevalorizar um determinado aspecto do seu comportamento, de modo a não verem ou não se confrontarem com a incongruência do que estão a fazer. No momento biográfico que analisamos são as recaídas as situações em que se utiliza com mais frequência a racionalização.

Os pontos de inflexão compreendem também movimentos de afastamento em relação às diversas actividades que o mundo da droga pode proporcionar: deixar o tráfico, recusar hipóteses de aumentar o consumo, deixar de partilhar material, entre outras. De facto, os indivíduos realçam parcelarmente determinados aspectos na sua retoma dos consumos, por exemplo: não injectam como outrora fizeram e só fumam a substância — por isso, o afastamento da droga não foi totalmente perdido aquando da recaída. Outro tipo de ilustração provém de uma certa relativização dos sintomas de privação: diversos entrevistados referem que preferiam agora “ressacar a fazer asneiras”:

Depois de fazer o tratamento, nunca mais cheguei a ver uma agulha à minha frente. Tive a recaída, mas aí já não hesitei, não fui logo para a seringa, a seringa para mim desistiu, foi um mau momento que eu estive a passar, comecei a fumar na prata.

Temos, nesta passagem, um exemplo de como o impacto de uma recaída pode ser desvalorizado, a partir de uma valorização parcial da realidade em que o entrevistado se passa a encontrar.

Na condenação dos condenadores, deparamo-nos com uma diversidade de material, uma vez que existem vários tipos de instituições com que os consumidores se vêem confrontados no seu percurso de toxicodependentes. Vários entrevistados sugerem, ou afirmam claramente, terem sido mal acompanhados em instituições de tratamento mais ou menos específico dos problemas adictivos. As situações apresentam alguns cambiantes que passam pela má medicação, mau atendimento, medicação excessiva, entre outros. Da mesma forma, um dos participantes refere que, ao dar entrada num serviço de urgência com “princípios de *overdose* de cocaína” a pessoa que o atendeu não tinha o mínimo conhecimento dos efeitos e sinais do consumo abusivo de substâncias.

As críticas esporadicamente tornaram-se mais elaboradas: recolhemos uma opinião em que se considerava as listas de espera e o regime de consultas marcadas como inapropriados para um toxicodependente de rua, que assim nunca teria hipótese de conseguir aceder a uma desintoxicação. Uma participante referiu também que a maior parte dos tratamentos que existem são uma exploração e não teriam nenhuma utilidade se os interessados não estivessem realmente interessados em mudar as suas vidas.

As críticas às instituições jurídico-penais, e englobamos aqui as instâncias policiais, foram também encontradas nesta unidade de análise. As críticas atêm-se muitas vezes aos níveis concretos das questões e raramente se apresentam de forma mais estruturada. Aliás, as dimensões políticas que este tipo de questões pode levantar estão quase ausentes do material recolhido.

A situação de detenção pode ser vivida de uma forma um pouco fatalista, — “apanharam-me num sítio onde não devia estar” — reduzindo a situação a uma questão de sorte e de azar. Um outro participante refere que esteve sempre “queimado pela polícia”, sendo alvo de detenções e inquirições constantes, mesmo em situações com as quais não se encontrava envolvido.

Em relação aos estabelecimentos prisionais, eles são encarados de uma forma extremamente negativa: “em certas prisões que tive havia mais droga lá dentro do que cá fora”. O período de detenção é encarado como uma época de sofrimento pessoal, uma vez que, nem que seja de forma temporária, há uma redução drástica dos consumos e a consequente privação. Por outro lado, como nos demonstrará o seguinte excerto, a prisão tem uma dinâmica própria de tráfico:

era mais barata e mais cara (a heroína); havia pacotes de conto enquanto cá fora eram de conto e meio; mas o preço lá da grama ia aos dezoito, vinte chegava a ir aos vinte e oito, e cá fora já era a dez, havia essa diferença havia pacotes de conto enquanto que cá fora era de conto e meio por isso tornava-se mais barato o fumo, né?, nisso era mais barato, mas o preço dela era mais caro...

Ou seja: o preço da substância encontra-se inflacionado mas a adulteração do produto consegue oferecer pacotes a preços inferiores ao mercado negro do exterior. Todos estes motivos, somados ao natural desespero e desconforto proveniente da privação da liberdade, faz com que seja, por vezes, “mais difícil parar na prisão do que cá fora”.

Mas não é só com as superfícies normativas que os consumidores têm de lidar: as áreas ligadas ao tráfico, à compra e venda de substâncias são também um tema quotidiano com o qual quase todos os nossos entrevistados tiveram que lidar. Os traficantes, os bairros onde se vendem as drogas configuram um cenário em que ocorrem muitas injustiças. Os traficantes são vistos como pessoas ambiciosas que só pensam em ganhar dinheiro e adulteram frequentemente o produto. A condenação é mais claramente formulada no caso de os vendedores não serem consumidores de drogas e estarem na actividade só pela parte comercial. No caso em que o vendedor também consome, a situação é imediatamente interpretada: é alguém que consumiu em demasia e procura agora um equilíbrio entre o deve e o haver.

A construção de uma biografia fragmentada

O uso das neutralizações parece desempenhar diversas funções consoante as etapas biográficas em que os nossos entrevistados se encontram. Assim, a negação da responsabilidade, a negação da ofensa e o apelar a lealdades mais fortes surgem mais relacionados com os momentos de aproximação ao mundo das drogas e dos consumos. Todas elas têm em comum a negação da intencionalidade do acto: é como se a entrada no mundo dos consumos não tivesse nada que ver com os indivíduos. É claro que estas racionalizações são adaptativas para quem quer continuar a trajetória desviante.

Ora, esta desresponsabilização entra em ruptura com um sentimento de independência em diversas entrevistas detectado: de facto, muitos dos nossos participantes definem a sua entrada no mundo dos consumos como uma escolha e não, de modo algum, como um produto de alguma influência ou de algum factor desencadeante específico. Por outro lado, um pouco mais à frente nas entrevistas, iniciam-se as neutralizações: tivemos a sensação de estarmos perante entrevistas quebradas, fruto, sem dúvida, de indivíduos com dificuldades de integração do período de consumos na globalidade da sua própria história pessoal.

Esta tríade de neutralizações regista-se, do mesmo modo, no momento das recaídas. Mas, neste tipo de situações, outras TN podem somar-se: a defesa da necessidade (“tinha mesmo que voltar aos consumos, já não aguentava mais”), ou a valorização selectiva de dimensões existenciais (“era preferível voltar à heroína que estar naquela maluqueira da branca” — recaída precedida pelo abuso de cocaína...)

Na gestão da carreira deparamo-nos com uma fase em que as TN são utilizadas na máxima intensidade. São usadas as neutralizações que tentam limitar o envolvimento do indivíduo com os diversos actos desviantes, vistos como não intencionais, que pratica. Tal facto não impede que se registre um uso generalizado no outro grupo. As neutralizações que afirmam a desviância do acto, mas que o relativizam com outras contingências da vida dos indivíduos, são bastante registadas na nossa análise — eixo intencional. Estamos em crer que este uso exponencial de racionalizações está intimamente relacionado com o sentimento de deriva descrito por Matza (1964) a propósito da delinquência juvenil, mas que é comum em diversos actores dos comportamentos desviantes. A vivência da deriva, de um flutuar através das oportunidades do mundo da droga, permite um envolvimento exponencial com as diversas actividades desviantes e criminais, sem que o indivíduo problematize muito essas questões.

A deriva, voltando novamente aos pontos de inflexão, pode ser subitamente interrompida, como se o afastamento das actividades desviantes fosse fruto de um acaso que, ainda assim, não envolve demasiado o indivíduo em questão. No entanto, estes momentos de interrupção ou diminuição de intensidade dos consumos podem ser vividos como algo temporário que escapa verdadeiramente à vontade dos sujeitos: a qualquer momento o descontrole, típico da gestão dos consumos, pode reaparecer.

A metáfora da compensação é uma neutralização pouco utilizada pela população estudada: de facto estamos perante indivíduos que mantiveram poucos contactos com a sociedade normativa e, por conseguinte, não possuem grandes dimensões a valorizar. No entanto, a metáfora pode servir como um mecanismo de acomodação das memórias nos indivíduos que conseguiram consolidar a sua abstinência. Para quem se encara a si mesmo como “curado” ou pelo menos em vias da cura, a valorização das actividades positivas do presente poderá servir de contrapeso em relação às memórias negativas dos períodos de consumo.

O estudo das racionalizações desviantes constitui-se, é nossa opinião, como um instrumento indispensável. É preciso conhecer as formas como as diversas figuras dos comportamentos desviantes representam para si mesmas a sua vida, o tipo de justificações de si que se propõem (tendo nós consciência da oscilação

constante dessas representações). O objectivo só poderá ser alcançado através de uma linha de investigação que não pretenda definir patologias, mas que tente estudar o fenómeno fazendo uso de uma suspensão do que os investigadores julgam saber sobre esse género de histórias de vida e de comportamentos — foi essa atitude que nos guiou na condução das entrevistas.

A compreensão que as diversas ciências humanas tentam construir sobre estes fenómenos tem alguma tendência a procurar diferenças e lógicas que se pretendiam estruturais. Confrontamo-nos com abordagens que, frequentemente, isolam as pessoas do seu passado para, apenas, contabilizarem diferenças e registarem desvios. Existe, por isso, uma certa tendência para ignorar as formas de construção de si que determinados actores desviantes vão utilizando ao longo das suas trajectórias de vida. Neste estudo, tentámos fazer um levantamento sobre a utilização de racionalizações e o papel que elas têm na representação que os indivíduos consumidores de drogas têm das suas próprias trajectórias biográficas: nomeadamente na sedimentação de biografias desarticuladas e fragmentadas com diversos momentos de incoerência.

Referências bibliográficas

- Coleman, J.W. (1985), *The Criminal Elite. The Sociology of White Collar Crime*, Nova Iorque, St. Martin's Press.
- Costello, B. (2000), "Techniques of neutralization and self-esteem: a critical test of social control and neutralization theory", *Deviant Behavior. An Interdisciplinary Journal*, 21, pp. 307-329.
- Eliason, S.L., e R.A. Dodder (2000), "Neutralization among deer poachers", *Journal of Social Psychology*, 140 (4), pp. 536-538.
- Forsyth C.J., e R.D. Evans (1998), "Dogmen the rationalization of deviance", *Society & Animals*, 6 (3), pp. 203 - 218.
- Glaser, B.G., e A.L. Strauss (1967), *The Discovery of Grounded Theory. Strategies for Qualitative Research*, Nova Iorque, Aldine de Gruyter.
- Matza, D. (1964), *Delinquency and Drift*, Nova Jérsea, Transaction Publishers.
- Matza, D. (1969), *Becoming Deviant*, Nova Jérsea, Prentice Hall.
- Minor, W.W. (1980), "The neutralization of criminal offence", *Criminology*, 18, pp. 103-120.
- Ogien, A. (2000), *Sociologie de la Déviance et Usages de Drogues. Une Contribution de la Sociologie Américaine*, Paris, Centre d'Etudes des Mouvements Sociaux.
- Priest, T.B., e J. McGrath (1970), "Techniques of neutralization: young adult marijuana smokers", *Criminology*, 8, pp. 185-194.
- Sykes, G., e D. Matza (1957), "Techniques of neutralization: a theory of delinquency", *American Sociological Review*, 22 (6), pp. 664-670.
- Tinoco, R. (2002), "Indeterminação biográfica: de condição natural a uma fissura na história do sujeito", *Toxicodependências*, 3, pp. 61-67.

Rui Tinoco é investigador da Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES).
E-mail: rui.tinoco@apdes.net

Resumo/abstract/résumé/resumen

Notícias de uma investigação autobiográfica: o consumo de drogas como dilema moral

O presente trabalho pretende sumariar algumas das linhas mestras de uma investigação por nós conduzida entre os anos de 2001 e 2004. A investigação procurou articular uma visão biográfica, que permite conceptualizar os actos desviantes num devir próprio de uma história de vida; e as técnicas de neutralização, que permitem um corte transversal de cada momento. Deste modo, conseguimos detectar os modos de neutralização (encarados aqui como racionalizações ou cognições desviantes) mais relevantes em cada etapa da história de vida de indivíduos consumidores de heroína.

Palavras-chave histórias de vida, técnicas de neutralização, métodos qualitativos.

An autobiographical research report: the use of drugs as a moral dilemma

This work tries to summarize some of the main findings of a research that we conduct between the years of 2001 and 2004. The research pretends to articulate a biographic approach, that allow to see the deviant act as something that develop during a life history; and the neutralization techniques that allow a detailed analysis of which moment. In this way we can detect the main neutralizations (and neutralizations are specific of deviant rationalizations) more important in every moment of the life histories recollected of heroin consumers.

Key-words life histories, neutralization techniques, qualitative methods.

Nouvelles d'une recherche autobiographique: la consommation de drogues comme dilemme moral

Ce travail reprend les grandes lignes d'une recherche que nous avons menée entre 2001 et 2004, pour tenter d'articuler une approche biographique permettant de conceptualiser les actes déviantes dans un devenir propre à une histoire de vie, ainsi que les techniques de neutralisation, permettant une coupure transversale de chaque moment. Nous avons ainsi pu relever les modes de neutralisation (envisagés ici comme rationalisations ou cognitions déviantes) les plus pertinents à chaque étape de l'histoire de vie d'individus consommateurs d'héroïne.

Mots-clés histoires de vie, techniques de neutralisation, méthodes qualitatives

Noticias de una investigación autobiográfica: el consumo de drogas como dilema moral

El siguiente trabajo pretende recopilar algunas de las líneas maestras de una investigación realizada por nosotros entre los años 2001 y 2004. La investigación buscó articular una visión biográfica, que permita conceptualizar los actos desviantes en el porvenir propio de una historia de vida; y las técnicas de neutralización, que permiten un corte transversal de cada momento. De esta forma, conseguimos detectar los modos de neutralización (encarados aquí como racionalización o cognición desviante) relevantes en cada etapa de la historia de vida de individuos consumidores de heroína.

Palabras-clave historias de vida, técnicas de neutralización, métodos cualitativos.